

Ulysses não abre mão

Para isso, quer fim da proibição de reeleger

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, quinta-feira, 7 de julho de 1988

de ser vice

presidente da Câmara

Art. Cunha

VISTO, LIDO E OUVIDO

Terrorismo administrativo

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

Os deputados Bernardo Cabral, relator-geral da Constituinte, Paes de Andrade, 1º secretário da Câmara, e Roberto Cardoso Alves que ponham as barbas de molho. Candidatos a presidente da Câmara, em eleição que será realizada, nos termos do Regimento Interno, no dia 1º de fevereiro do próximo ano, os três precisam saber que o deputado Ulysses Guimarães não afasta a hipótese de se candidatar à reeleição, uma vez que a Constituinte suprime dispositivo constitucional impeditivo. O presidente da Câmara será, de fato, o vice-presidente da República, até o final do mandato do presidente José Sarney.

Terça-feira à noite, Ulysses reuniu cerca de trinta jornalistas políticos, inclusive alguns de São Paulo, na residência oficial do presidente da Câmara, na Península dos Ministros, quando cometeu o chamado ato falho. Falava na necessidade de ampliar o plenário da Câmara, agora que foram criados os novos Estados do Tocantins, do Amapá e de Roraima, além de ter sido ampliado o número de cadeiras da Câmara em 70 deputados.

Ulysses dizia que pretendia realizar a ampliação do plenário no início de sua gestão, mas foi obstado pela oposição que levantou contra a obra o líder do PDS, deputado Amaral Netto. "Espero fazer essa obra no próximo ano", disse.

Então, o senhor espera mesmo ser reeleito presidente da Câmara dos Deputados — observou um jornalista, diante do sorriso do Dr. Ulysses e dos jornalistas presentes. A seguir, o atual presidente da Câmara e da Constituinte argumentou abertamente a favor das razões que justificam a supressão de dispositivo constitucional impeditivo, na forma de emenda proposta pelo deputado Rubem Medina e que será votada pelo plenário da Constituinte, no segundo turno de votação.

Ulysses indagou se é justo manter essa proibição de reeleição do presidente da Câmara dos Deputados e permitir que os seus demais companheiros de Mesa sejam reeleitos. Ulysses tem razão. Até 1964 não existia esse impedimento constitucional e não tem sentido que exista. Cada Casa deve dispor em seu Regimento Interno a respeito disso.

Foram os militares, depois de 64, que resolveram

erigir a barreira constitucional à reeleição porque não lhes interessava estimular o surgimento de nenhuma liderança em um poder que pretendiam abafar. Lá estavam os paulistas Ranieri Mazzilli e Auro de Moura Andrade há vários anos presidentes, respectivamente, da Câmara e do Senado.

Os candidatos a presidente da Câmara dos Deputados contam que será difícil aprovar a emenda supressiva de Rubem Medina. Estão naturalmente engajados em trabalho contrário às pretensões de Ulysses. Mas, não cabe na cabeça de ninguém que um político que ascendeu a uma posição incontestável no pobre cenário brasileiro comande o processo de elaboração da nova Carta Constitucional para depois voltar à planície.

O JANTAR

O deputado Ulysses Guimarães falou de vários assuntos, sempre que provocado pelos jornalistas. Disse que Câmara e Senado terão de providenciar alterações nos Regimentos das duas Casas e no comum para adequá-los à nova Constituição. Ulysses criticou as sessões conjuntas, que criaram na prática o unicameralismo, embora estejamos no sistema bicameral, através das sessões do Congresso, que ameaça se transformar na terceira casa legislativa.

— Eu tenho procurado conversar com o Humberto Lucena (presidente do Senado), mas ele gosta muito daquela cadeira...

Ulysses referiu-se à necessidade de o Congresso complementar o trabalho da Constituinte, lembrando que, segundo levantamento que mandou proceder, serão necessárias 200 leis ordinárias e 39 leis complementares, trabalho que certamente não poderá ser realizado no próximo ano tendo em vista a eleição presidencial que absorverá as atenções do mundo político.

O presidente da Constituinte negou que cogite de promulgar a nova Constituição no dia 7 de setembro, a data maior do País. Nesse dia a data seria fatalmente obscurecida pela comemoração da Independência. Ele quer promulgar a nova Constituição em setembro, acha isso possível, mas numa outra data.

Ulysses defendeu a tese de que a presidência das sessões do Congresso Nacional devem ser divididas, rotativamente, pelos presidentes da Câmara e do Se-

nado, assim como a Mesa deve ser composta por dirigentes das duas Casas. Acha injusto que só o presidente do Senado presida as sessões do Congresso Nacional.

SUCESÃO

O presidente do PMDB não acredita que a sucessão presidencial desagregue definitivamente o PMDB. Acha que o partido encontrará o caminho da unidade agora e na sucessão. Acredita numa chapa de composição abrangente do novo diretório nacional na convenção do dia 21 de agosto, o que significa que acha possível compor no órgão supremo de comando partidário representantes da esquerda e do Centrão.

O governador Orestes Quércia, pelo que sabe, não é candidato a presidente. O Senador Mário Covas, por seu lado, já em novo partido, sempre se declarou candidato a governador, não a presidente da República, como muitos insistem.

— O Covas é engenheiro. Ele faz contas — ironizou.

Não teme a candidatura de Silvío Santos, lembrando que, se animador de televisão é vantagem eleitoral, podia-se lançar a candidatura da apresentadora de programas infantis Xuxa. Quércia lhe garantiu que ganha a disputa pela prefeitura com João Leiva. Ele não tem motivos para duvidar da palavra do governador de São Paulo, "que é um campeão de disputas eleitorais — ganhou para prefeito de Campinas, senador e governador".

Não acredita que Jânio Quadros seja candidato. Pelas informações que lhe chegam de amigos comuns, dona Eloá, a esposa do ex-presidente, não quer nem ouvir falar nessa hipótese. De qualquer modo, acha que o PMDB é um partido com amplas chances de eleger o futuro presidente da República. O partido desgastou-se, admitiu, mas ainda tem a mais poderosa estrutura partidária e todos os governadores estão com bons índices de popularidade.

Ulysses está certo de que o PMDB encontrará o caminho da unidade, evitando-se o confronto na convenção nacional do dia 21 de agosto. Acha possível fazer a chapa de composição com representantes da esquerda e do Centrão. "A chapa tem de ser abrangente", afirmava Ulysses, informando que promove reunião hoje à noite em sua casa com todos os coordenadores de bancadas para iniciar as articulações visando à chapa de unidade.



Jânio: Eloá não quer?



Covas: sabe contar?

Como ele vê os competidores

O deputado Ulysses Guimarães expôs as seguintes opiniões sobre alguns dos seus potenciais competidores:

Jânio — Pelo que sei, ele não é candidato a presidente da República. A sua esposa, a Eloá, não quer.

Mário Covas — O Covas é candidato a governador. É isso o que ele quer. O Covas é engenheiro. Ele faz contas...

Leonel Brizola — Defendi a participação dos dirigentes partidários

nos programas gratuitos de rádio e televisão, na campanha eleitoral deste ano, por interesse público. Os dirigentes partidários têm idéias a levar para debate na opinião pública. Não vejo por que temer o Brizola. O PMDB terá 45 minutos dos 90 minutos diários da propaganda eleitoral, ele terá dois minutos. O tempo é distribuído a cada partido de acordo com sua dimensão. Numa disputa pela sucessão presidencial, vai pesar o fato de o

PMDB possuir uma grande estrutura partidária. Lá em São José do Rio Preto, o PMDB tem o Tí-dei de Lima para lutar pelo nosso candidato. O Brizola não tem ninguém. Em outros pontos do interior de São Paulo e do Brasil repete-se o mesmo problema para ele.

Orestes Quércia — Ele declara que não é candidato a presidente da República. Até hoje — diz fazendo beicinho — é o que eu sei.



Brizola: sem tempo na TV?



Quércia: não se lançará?